

MÚSICA EM SIMAIOR



CORDAS DUPLAS

MIGUEL **JALÔTO** • MIGUEL **AMARAL**



20 SET > 21:00

CAPELA DA CASA
SÃO FRANCISCO DE ASSIS
ANTIGA CASA DO GAIATO

SANTO ANTÃO DO TOJAL

ENTRADA LIVRE
M/6

Programa Fado Barroco

Miguel Amaral (1982)
- Prelúdio em Lá Menor
- Prelúdio em Fá Maior

Domenico Scarlatti (1685-1757)
- Sonata em Lá Maior K.208: Adagio e cantabile
- Sonata em Lá Maior K.209: Allegro

Michelangelo Galilei (1575-1631)
- Toccata 8 (Primo Libro d'Intavolatura di Liuto, 1960)

Domenico Scarlatti
- Sonata em Ré Menor K.213: Andante

José António Carlos de Seixas (1704-1742)
- Sonata em Ré Menor 6.4: [Allegro]

João Maria Blanc de Castro Abreu e Motta (1914-1959)
- Olhos negros

Armando Tavares Belo (1911-1993)
- Não me fales dela

Frederico Guedes de Freitas (1902-1980)
- Novo Fado da Severa

Miguel Amaral (1982)
- Meu amor

Armando Augusto Salgado Freire -Armandinho- (1891-1946)
- Meditando

Alessandro Piccinini (1566-1638)
- Ciaconna in Partite Variate (Intravolatura di liuto et di chitarrone libro primo, 1623)

Anónimos do século XVII (MM42, Libro de Cyfra, da Biblioteca Pública Municipal, Porto)
- Espanholetas do 1.º Tom
- Galharda do 1.º Tom
- Marizápalos do 5.º Tom
- Folias do 1.º Tom

Carlos Paredes (1925-2004)
- Dança dos Camponeses
- Canto de Rua
- Dança

Mário Laginha (1960)
- Fado Barroco

Sinopse Cordas Duplas

Miguel Amaral – Guitarra Portuguesa
Fernando Miguel Jalôto - Cravo

Guitarra Portuguesa e Cravo. Dificilmente se imaginarão dois instrumentos com características tão diferentes. A guitarra portuguesa, instrumento de origens ainda não completamente esclarecidas (segundo uns, nascida da citara europeia renascentista e barroca; segundo outros uma direta descendente da guitarra inglesa), surge no século XIX e permanece até hoje indissociável do fado, género musical de canção urbana com origem popular, e emblemático da cultura portuguesa. Quanto ao cravo, os seus primórdios encontram-se nos alvares do século XV, quando se procurou adaptar um teclado e um mecanismo de plectros ao saltério de cordas pinçadas, até aí tocado manualmente. A partir do século XVI espalhou-se por toda a Europa, tornando-se num dos principais instrumentos dos séculos XVII e XVIII, indissociável do estilo Barroco e das práticas musicais e sociais da aristocracia europeia — pois ainda que tenha sido usado amplamente em contextos profissionais, como elemento fixo da orquestra, foi também muito cultivado pelos amadores das classes mais abastadas.

O seu declínio ocorreu no início do século XIX, para só «ressuscitar» já em pleno no século XX, associado sobretudo à interpretação do repertório do passado.

A decadência do cravo ocorreu assim aquando do surgimento da guitarra portuguesa. Os únicos, e vagos, pontos de contacto conhecidos entre os dois instrumentos situam-se nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, quando alguns compositores portugueses — nomeadamente o portuense António da Silva Leite — apresenta um método de guitarra portuguesa (mas que ainda não é o instrumento que hoje conhecemos por este nome) — incluindo géneros como o minueto, até aí associados ao cravo. Também no acompanhamento das «modinhas» — género de canção luso-brasileira de salão, mas com fortes raízes plebeias — os dois instrumentos terão brevemente coexistido, antes do cravo ser substituído pelo piano, e o estatuto da guitarra passar a estar associado a um extrato mais popular e menos burguês. Apesar das suas fortíssimas ligações a repertórios e contextos muito específicos — música renascentista/barroca por um lado, e o fado, pelo outro — ao longo dos séculos XX e XXI vários compositores e intérpretes, fascinados pelas capacidades expressivas e técnicas dos instrumentos, têm procurado explorar todos os seus limites e integrá-los em outros géneros e repertórios, através de adaptações, arranjos e novas obras originais.

Miguel Amaral, guitarrista e compositor, e Fernando Miguel Jalôto, cravista e investigador, sentem-se, há muito, fascinados por ambos os instrumentos e respetivos repertórios, e, apesar dos contrastes já apresentados, admiram sobretudo a improvável, mas surpreendente, semelhança tímbrica, bem como outras inusitadas correspondências do vocabulário idiomático com que se exprimem. Depois de vários encontros, surgiu a ideia de explorar todas as possibilidades de relacionamento entre os dois instrumentos,

entrecruzando o repertórios com experiências, procurando novos diálogos, construindo pontes, e assumindo contrastes.

O repertório explorado é, propositadamente, eclético e transversal, procurando representar não só os repertórios «originais» dos instrumentos, mas aqui «apropriados» e partilhados através de arranjos e transcrições, por ambos os intérpretes. As sonatas e minuetos barrocos do século XVIII, para cravo, apropriados pela intervenção da guitarra; os fados dos séculos XIX e XX reimaginados com a participação do cravo; e, através da composição de novas obras que exploram, de forma específica, as capacidades da nova combinação.

Em 2025 celebram-se os 100 anos do nascimento de Carlos Paredes, pelo que este programa fará também a sua homenagem a este símbolo da cultura portuguesa.

Miguel Jalôto

Miguel estudou Cravo, Música antiga e Práticas históricas de interpretação, no Conservatório Real de Haia (Países Baixos), com Jacques Ogg. Fez várias *masterclasses*, com Gustav Leonhardt, Olivier Baumont e Ilton Wjuniski. Estudou igualmente Órgão barroco e Clavicórdio, como bolseiro do Centro Nacional de Cultura.

É mestre em Música, pela Universidade de Aveiro, e tem um doutoramento em Ciências musicais/ Musicologia histórica, pela Universidade Nova de Lisboa, como bolseiro da FCT.

É fundador e diretor artístico do *Ludovice Ensemble*, um dos mais ativos e prestigiados grupos nacionais de Música antiga.

Em Portugal, é membro do *Ensemble Bonne Corde* e da Real Câmara da *Baroque Orchestra*. Miguel colaborou também com grupos especializados internacionais, tais como: *Oltremontano*, *La Galanía*, *Vox Luminis*, *La Colombina* e *Capilla Flamenca*, entre outros.

É músico convidado da Orquestra da Gulbenkian e foi membro da Orquestra Barroca Casa da Música. Apresentou-se em inúmeros concertos e recitais, por toda a Europa nomeadamente em: Israel, China e Japão. Gravou a solo Música de câmara e orquestra, para as editoras: Harmonia Mundi, *Glossa Music*, *Passacaille*, *Ramée/Outhere*, *Brilliant*, *Dynamic*, *Parati*, *Anima & Corpo*, *Challenge*, *MPMP*, *Conditura* e *Veterum Musica*, bem como para a rádio portuguesa, alemã, estónia e checa, e para os canais televisivos *Mezzo*, *Arte* e *RTP*.

Além disso dirigiu também grandes obras do repertório barroco, em salas como a Gulbenkian e o CCB, e em festivais internacionais, como os de Utrecht, Bruges e Antuérpia. Como *maestro al cembalo* é convidado a dirigir a *Jerusalem Baroque Orchestra* e o *Ensemble Mezzo* (Israel); o *Croatian Baroque Ensemble*, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Filarmonia das Beiras e a Sinfonietta de

Braga, sendo ainda maestro e tutor dos cursos de Ópera e de Oratória Barroca, de Benslow, no Reino Unido.

Miguel Amaral

Nasceu no Porto em 1982. O seu primeiro contacto com a música surge aos 6 anos, por intermédio da professora Madalena Leite de Castro, com quem estudou piano.

Anos depois, fruto do fascínio pela música de Carlos Paredes, inicia os seus estudos de Guitarra portuguesa com Samuel Cabral, José Fontes Rocha e, mais tarde, com Pedro Caldeira Cabral.

Tem-se apresentado regularmente em recitais a solo, bem como inserido (passar para a linha de cima) em agrupamentos de música de câmara e orquestras, tendo passado por salas como: Casa da Música, Fundação Calouste Gulbenkian, *Culturgest*, Centro Cultural de Belém, Teatro Solis (Montevideo), Centro Cultural Kirchner (Buenos Aires), Teatro Nescafé (Santiago do Chile), FIL Guadalajara (México), *Queen Elisabeth Hall* (Antuérpia), Philharmonie du Luxembourg (Luxemburgo), Auditório Nacional de Música (Madrid), *Helsinki Music Centre* (Helsínquia), Cidade das Artes (Rio de Janeiro), Teatro Mossovet (Moscou). Tem trabalhado com as orquestras: *Philharmonie du Luxembourg*, *Real Filharmonía de Galicia* (em Espanha), *Helsinki Baroque Orchestra*, *Antwerp Symphony Orchestra*, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Sinfónica do Porto e a Orquestra Sinfónica Portuguesa, sob a direção dos maestros: Peter Rundel, Dirk Brossé, Brad Lubman, Pedro Neves e com os agrupamentos *Ensemble Darcos*, Os Músicos do Tejo e *Ensemble Pulcinella*.

Do seu trabalho como compositor destacam-se, para além das peças para guitarra portuguesa solo, as obras: *Luz de Outono* - para guitarra portuguesa e orquestra barroca (Os Músicos do Tejo; Helsinki Baroque Orchestra); *Fuga para um dia de Sol* - para guitarra portuguesa, piano e contrabaixo (Mário Laginha Novo Trio); *Quatro lamentações para um amor perdido* - para dois sopranos, guitarra portuguesa, violoncelo e baixo contínuo (*Ensemble Pulcinella*); *Fado D'arcos* - para voz, guitarra portuguesa, piano, harpa, violino, viola, violoncelo e contrabaixo (*Ensemble D'arcos*), *Elegia a Gabriel Fauré* - para violino e piano (Trio Pangea).

Em 2023 estreia o Concerto para Guitarra Portuguesa e Orquestra, de Dimitris Andrikopoulos.

Da sua discografia em nome próprio constam o álbum *Chuva Oblíqua* para guitarra portuguesa Solo e o álbum *Saudade*, em duo com o músico brasileiro Yuri Reis (violão de sete cordas) onde aborda música tradicional brasileira e o repertório tradicional da guitarra portuguesa.

É licenciado em Direito, pela Universidade Católica Portuguesa.

MÚSICA EM SIMAIOR

CML/DMC/2025

cm-loures.pt       

